

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

*Revista CONSERVATION, Winter 1992, v.7, n.1, publicada pelo
"The Getty Conservation Institute"*

*Texto traduzido por
Helena Maria Correa de Sousa Pessi(*)*

Em 1826, o Rei Ludwig I da Baviera, iniciou uma construção para abrigar um extensivo acervo de quadros europeus. O "Alte Pinakothek" foi construído fora da cidade de Munique, uma decisão controvertida naquele tempo. A razão para a escolha do local foi simples: acreditava-se que o ar puro preservaria melhor as pinturas. Esta decisão foi um ato de conservação preventiva. Até recentemente, a conservação, como profissão, era dedicada somente a cuidar de objetos individualmente. Restaurar um objeto - seja um quadro de Rembrandt ou uma estátua romana de bronze - era a função do conservador.

À medida que o número de museus e o número de objetos nos museus proliferavam, concentrando-se exclusivamente em objetos individuais, há necessidade de severos limites de

conservação de um acervo. Mesmo as mais generosas instituições ressentem-se de recursos financeiros e pessoais para dar atenção individual a cada objeto. Para aquelas instituições com pequenos fundos, sustentar qualquer programa de conservação, torna-se uma consideração secundária ou terciária. Se a maior parte de nossos antepassados tiver que sobreviver, é preferível que seja coletivamente do que individualmente. Para o conservador isto significa ater-se nas maneiras de prevenir ou diminuir a deteriorização de objetos através do controle do ambiente dos acervos. Isto significa conservação preventiva.

Vantagens e obstáculos:

A conservação preventiva pode ser definida como qualquer medida que previne estragos ou reduz seu potencial. Dá-se preferência aos acervos e

(*) Licenciada em Letras Português/Inglês pela UFSC

não à objetos individuais, e ao não-tratamento do que ao tratamento. Em termos práticos, o manuseio, o arquivamento e a utilização dos acervos, incluindo planos de emergência, são elementos críticos na metodologia de conservação preventiva.

Há longo prazo, é o mais eficiente método de conservação, não somente para museus, mas particularmente para bibliotecas e acervos etnográficos, de história natural e materiais geológicos. Com a conscientização da importância da conservação preventiva, a necessidade de tratamentos individuais, com o tempo, será reduzida para níveis mais maleáveis, destinando recursos financeiros e pessoais para outros fins.

Além destas vantagens, a conservação preventiva, mesmo que bem compreendida, é mais aceita na teoria do que na prática. O estágio de deterioração em um grupo de objetos pode ser lento e quase imperceptível, exceto depois de longos períodos. Porque tal estágio é difícil de quantificar, os resultados da conservação preventiva não são facilmente notados, nem são visualmente dramáticos, uma vez que a conservação preventiva não envolve a melhoria da aparência dos objetos. Em comparação, atendendo a imediata necessidade de conservação de um importante documento, freqüentemente em exposição, sua conservação pode pa-

recer muito mais significativa e urgente.

Há outros interesses institucionais também: o objetivo, nesta época de recursos limitados, é, freqüentemente, o de sobreviver. Enquanto preservar acervos é obviamente essencial, para muitos museus ou outras instituições de acervos, conservação não é a preocupação maior.

“Museus são treinados para sobreviver”, observa Marta de la Torre, Diretora do GCI Programa de Treinamento. “Para sobreviver, você tem que justificar sua existência. Organizando grandes exposições é mais fácil de justificar do que conservando objetos - porque, de fato, conservação não é um fim em si mesmo. É algo que você faz para poder usar esses objetos para alguma finalidade.” Através do controle do ambiente de um museu, a conservação preventiva pode requerer um fundo substancial. Isto significa colocar dinheiro em coisas que não tem um impacto visual, e por isso não tem o apoio do público do qual depende a instituição.

“A coisa mais fácil do mundo é criar um museu”, diz Paul Perot, Diretor do Santa Barbara Museu de Arte. “A próxima coisa mais fácil é acrescentar galerias à ele. Mas quando é para operar estas galerias - os guardas, os conservadores, - os recursos não estão lá, porque não há glamour nisto.”

Este aspecto, embora sério, não parece obstruir completamente o movimento em favor da conservação preventiva, em parte porque poucas alternativas existem. Já existe um corpo de cientistas que pesquisam aplicações práticas. Mesmo assim, para a conservação preventiva ser eficiente para um acervo em particular, conhecimento técnico tem que ser casado com administração concomitante, para integrar conservação preventiva em uma operação institucional.

Adquirindo conhecimento técnico:

A pesquisa científica para conservação preventiva envolve quatro estágios progressivos:

1º) identificar o tratamento para acervos;

2º) calcular os riscos;

3º) calcular os custos - eficientes métodos para medir os riscos, e;

4º) desenvolver métodos para reduzir ou eliminar os riscos.

O problema básico dos acervos é a deterioração das peças. "Objetos se deterioram, ou através de forças inter-

nas ou influências externas", explica Jim Druzik, da GCI Programa Científico. "Dessas duas, as influências externas em uma peça são muito maiores do que as instabilidades internas. Objetos existem por meio milênio, tem muito pouco resíduos internos de instabilidade - assim, quando começam a deteriorar-se, e puramente por efeito do meio ambiente. O primeiro passo é analisar o ambiente do museu." É precisamente nesta área que a GCI Programa Científico tem concentrado seus esforços. Segundo um estudo de 1984, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, no relacionamento entre a concentração de ozônio dentro e fora, o Instituto examinou o número de poluentes exteriores e sua penetração dentro do museu. Esta investigação levou a uma série de estudos sobre poluentes internos. Mais e mais a poluição do ar interno está se tornando matéria que os estudos sobre conservação querem ver resolvidos, diz Druzik. "Parece que cada vez que alguém se vira, vê um bronze ou outro material susceptível, corroendo no estoque do museu, onde se supõe há um ambiente estável. Corrosivos como fórmica e ácidos acéticos estão sendo liberados pelos produtos da madeira e atacam uma vasta variedade de materiais.

Sabendo-se dos poluentes internos e externos, o número de tratamento

pode ser identificado e os riscos calculados. O próximo estágio, achando-se meios baratos de medir riscos - também está completado.

“Nós temos identificado e chamado atenção dos conservadores, para o baixo preço dos monitores de alta sensibilidade”, reporta Druzik. “O passo seguinte é desenvolver técnicas eficientes de controle, que possam ser aplicadas em casas históricas, prédios antigos, compartimentos de estoque, e em casos onde o conservador simplesmente não possui a vantagem de sistema de ar condicionado com partículas e filtros químicos acoplados.”

Microambientes tem sido objeto de vários projetos da GCI, incluindo o desenvolvimento do protótipo para o Royal Mummies no Museu do Cairo, e um estudo das condições do acervo do “Mar Morto” do Museu de Israel, em Jerusalém. O conhecimento adquirido em ambos os projetos foi amplamente aplicado na preservação de materiais orgânicos.

Em outra área de conservação preventiva, a GCI conduziu um estudo no controle de peste com a Universidade da Califórnia. O estudo quantificou e confirmou os efeitos do puro nitrogênio como uma “alternativa muito promissora” como pesticida.

O principal fator de ambiente para qualquer acervo é o desenho do pré-

dió. Muitos dos museus e outros acervos estão localizados em ambientes úmidos, onde norte-americanos e europeus tem soluções para controle ambiental muito caras e desapropriadas arquitetonicamente. Reconhecendo que muitas arquiteturas são desenhadas de modo a propiciar conforto com o mínimo de sistema mecânico (ou até mesmo nenhum), o Instituto começou o estudo de um sistema passivo e semipassivo em países tropicais. Seus achados podem levar a um desenvolvimento de custo-eficiência do controle ambiental.

Um método básico:

A conservação preventiva não requer caras e complexas estratégias. Em muitas instituições, muito pode ser feito com o bom senso.

Para objetos em estantes/acervos, a redução do potencial de danos físicos, pode ser alcançada através de procedimentos modestos como restringir o acesso, exercitando cuidados de manuseio, e sempre que possível, alojar objetos em caixas individuais.

Quando for determinado que algum material no museu está produzindo corrosões, o recurso óbvio é remover o material. Se isto não for fácil de fazer, ou isolando o material ou restaurando-o, alternativamente, pode-se

criar uma barreira protetora ao redor do objeto que pode ajudar a minimizar o estrago a longo prazo.

Uma manutenção de rotina no prédio pode servir de conservação preventiva. Assegurando-se que janelas e forros estão em bom estado, pode-se prevenir estragos, e ajudar a moderar a flutuação da temperatura que causa cansaço aos objetos. Conservar, ambos, exposições e estoque, limpos de pó, insetos e roedores, é essencial. Melhorar a ventilação e a circulação do ar com filtros também beneficiará o acervo.

Porque a conservação preventiva lida mais com o controle ambiental do museu, isto envolve decisões além da autoridade tradicional do conservador. “Se você vai controlar o ambiente, você tem que focar o prédio e os diferentes tipos de proteção”, diz De La Torre, “isto pode ser uma questão de revisar o aquecedor ou sistema de ar condicionado (se houver), ou criar novo estoque, ou trocar exposições, ou controlar as visitas. Você tem todas essas alternativas que existem na conservação. É uma decisão administrativa.”

Desde 1987, a GCI tem oferecido cursos anuais de conservação preventiva para nível médio e superior de conservadores. O método é macro para micro, começando com a construção

do prédio e trabalhando até a criação do meio ambiente. Enquanto informações técnicas constituem a maior parte do curso, a importância do conservador ser advogado da conservação preventiva também é enfatizada.

Kathleen Dardes, uma conservadora, coordena o curso. Ela acredita que a conservação preventiva deve ser incorporada à operação do museu, conservadores não devem somente desenvolver a consciência de cuidados com acervos, mas também conscientizar outros da sua necessidade. “Você pode ser inteligente ao máximo quando lidando com materiais técnicos, mas você não pode falar sobre essas coisas ao Diretor em linguagem que ele ou ela possam entender claramente - o que significa entender as implicações financeira - e se você não pode comunicar-se com curadores e desenhistas de exposições, e se você não está preparada para trabalhar com acervos de museus, então nada irá acontecer. Não faz diferença o quanto você sabe.” De La Torre conclui: “Nós precisamos começar a vender a conservação preventiva como uma alternativa viável para ser aplicada em acervos”, diz ela. “Nós precisamos começar a falar convincentemente aos curadores e diretores de museus, dizendo, se você vai acrescentar peças ao acervo, você precisa estar certo de

estar projetando todas - e aqui há novos métodos de proteção que são mais baratos e mais eficientes”.

Ao mesmo tempo, instituições precisam apreciar os cuidados com acervos. Lawrence Reger, Diretor do Instituto Nacional de Conservação de Washington, D.C., acha que o público tem interesse nos aspectos mais “escondidos” da operação de um museu, e que as instituições podem fazer um melhor trabalho compartilhando os processos de conservação com o público. Reger acha que os patronos de museus estão agora mais receptivos para suportar as necessidades de reforma dos museus. “Pessoas querem reconhecimento”, ele explica. “Eu acho que eles estão loucos por restaurar uma sessão, desde que tenham algum tipo de reconhecimento. Eu acho que nosso objetivo tem que ser o de promover isto.”

Preservar e passar adiante:

Como a conservação natural, a conservação preventiva de espécies culturais requer uma mudança de atitude e hábito, o primeiro estágio de conscientização é simplesmente entender o que conservação preventiva significa; o segundo é aceitar isto como uma estratégia legítima de cuidados de acervos. O último e mais importante

estágio é quando a conservação preventiva torna-se parte integral de uma consciência institucional e é colocada em prática rotineiramente.

Na última década, o número de organizações americanas que promovem a conscientização da conservação preventiva tem crescido. Seus ranques incluem o Instituto Americano de Conservação, O Instituto de Museus de Serviços, a Galeria Nacional de Arte, e o Instituto Nacional de Conservação (NIC). Em 1990, o NIC e o GCI concluíram um projeto de dois anos para desenvolver uma metodologia para museus profissionais, para avaliar informações sobre as condições de suas coleções. O repórter do projeto *The Conservation Assessment: Um projeto de planejamento*, está agora sendo usado por museus e agências federais americanas como um guia básico para conservação. Mas a conservação preventiva carrega, talvez, o maior potencial para as instituições localizadas em regiões menos afluentes no mundo, onde os fundos para tratamentos individuais são poucos. Como Roger observa: “Em países de recursos limitados, qual é, francamente, o melhor método para se usar?”

Seja como for, não há instituições de coleções que cresça com um programa de conservação preventiva “depois de tudo”, diz Paul Perrot, “pre-

servar objetos culturais para o futuro é parte fundamental da missão de um museu. Nosso desafio histórico é assegurar que estas pesquisas não sejam somente coletadas e estudadas, mas preservadas e passadas à diante. Por esta razão, diz Perrot, a conservação preventiva é um bom negócio, bem

como uma efetiva preocupação ética para com os objetos que estão sob nossos cuidados...Nós iremos certamente arrastar o tempo, mas nós podemos fazê-lo arrastar o suficiente para que os objetos possam ser mais verdadeiros em si mesmos nos anos que virão?”